

## O Sacramento da Confissão como sacramento da misericórdia

*The Sacrament of Confession  
as a Sacrament of Mercy*

DOUGLAS ALVES FONTES\*

**Resumo:** O Sacramento da Confissão, hoje mais do que nunca, tem feito parte da vida da Igreja, tanto para os que o administram como para os que o recebem. Contudo, ainda precisa ser compreendido e celebrado com mais consciência por parte do ministro e do sujeito que o recebe. Atualmente, somos testemunhas de duas tendências opostas acerca desse sacramento: uma rigorista e outra laxista. O presente artigo busca retomar a doutrina sobre o sacramento da penitência, mas iluminando-a com a reflexão do Cardeal Walter Kasper e as indicações claras, precisas e profundas do Papa Francisco. Todo esse caminho será percorrido, fazendo memória do grande Ano Santo da Misericórdia.

**Palavras-chave:** Confissão. Misericórdia. Sacramento.

**Abstract:** The Sacrament of Confession, more than ever, has been part of Church's life, both for those who administer it and for those who receive it. However, it still needs to be understood and celebrated with more awareness on the parts of the minister and the person who receives it. Currently, we are witnesses of two opposing trends regarding this sacrament: one rigorous and the other lax. This article seeks to revisit the doctrine on the sacrament of penitence, but illuminating it with the reflection of Cardinal Walter Kasper and the clear, precise and profound indications of Pope Francis. In this path we will also be commemorating the great Holy Year of Mercy.

**Keywords:** Confession. Compassion. Sacrament.

---

\* Pe. Douglas Alves Fontes é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: [douglasafontes@yahoo.com.br](mailto:douglasafontes@yahoo.com.br)

## Introdução

Na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o Papa Francisco convidava, novamente, a por “no centro o sacramento da Reconciliação porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia” (Francisco, 2015, n. 17).

O tema do sacramento da Confissão é delicado, desafiador, atual e, profundamente, espiritual. A partir disso, desejamos fazer um caminho de reflexão sobre esse sacramento tão importante e que não perdeu sua validade. Porém, nossa intenção é colher a espiritualidade que está no fundamento da teologia do sacramento, levando em consideração que toda “espiritualidade reflete a teologia que está por trás dela” (Pedrosa-Pádua, 2012, p. 223).

Ao mesmo tempo, faz-se necessário não só levantarmos questões pertinentes, principalmente, as relacionadas à concepção de Deus e do ser humano que podemos ter, mas também a mediação da Igreja como guardiã desse dom.

Faremos essa caminhada em três passos. Iniciaremos nossa reflexão com a doutrina tradicional da Igreja, contida no Catecismo, sobre o Sacramento da Confissão. Em seguida, visitaremos o pensamento atual do Cardeal Walter Kasper, no seu livro sobre a misericórdia. Terminaremos nossa jornada com o Papa Francisco, salientando o tema da misericórdia a partir do Ano Santo.

É preciso evitarmos os dois extremos: o rigorismo e o laxismo. Nem um nem outro fazem bem, porque, na realidade, não se ocupam da pessoa do penitente. Ao contrário, a misericórdia ouve deveras com o coração de Deus e quer acompanhar a alma no caminho da reconciliação. O Papa Francisco recorda que “a Confissão não é um tribunal de condenação, mas experiência de perdão e de misericórdia!”<sup>1</sup>

Seguindo as palavras de Castillo, concordamos que todo ensinamento teológico não constitui uma série de meras especulações sobre coisas que não têm relação com a vida e com a realidade concreta que temos que enfrentar diariamente. Movidos por esse pensamento, principiamos nossa análise (Castillo, 2012, p. 99)!

---

<sup>1</sup> Discurso do Papa Francisco aos participantes de um Curso Organizado pela Penitenciária Apostólica em 28/03/2014. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papafrancesco\\_20140328\\_corso-penitenzieria-apostolica.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papafrancesco_20140328_corso-penitenzieria-apostolica.html). Acesso em: 24 mai. 2024. O grifo é nosso.

## 1 O Sacramento da Confissão no Catecismo da Igreja Católica

A doutrina tradicional da Igreja Católica sobre o Sacramento da Confissão é apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica na parte intitulada: *A fé que eu celebro*, em que o Catecismo esboça a temática da liturgia, apresentando, especificamente, os sete sacramentos. Dedicaremos nossa atenção, nesse primeiro momento, à temática do sacramento da penitência a partir do Catecismo (2000).

O Catecismo da Igreja Católica define este sacramento como: Sacramento da Conversão; Sacramento da Penitência; Sacramento da Confissão; Sacramento do Perdão; Sacramento da Reconciliação (Catecismo..., 2000, n. 1423-1424). Cada uma das expressões visa enfatizar uma realidade própria do Sacramento.

Não é de hoje a questão do porquê de um Sacramento de Reconciliação depois do Batismo. Para explicar tal questão, o Catecismo retoma uma ideia presente nos Padres da Igreja.

A vida nova recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado, a que a tradição chama de *concupiscência*, a qual persiste nos batizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo. Este combate é o da *conversão*, em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar (Catecismo..., 2000, n. 1426).

A conversão dos batizados surgiu como um desafio na igreja primitiva. Contudo, a fundamentação é facilmente constatada no Evangelho. Jesus chama à conversão e tal apelo é parte essencial do anúncio do Reino à conversão que continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos. Esta *segunda conversão*, nas palavras dos Padres da Igreja, é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja (Catecismo..., 2000, n. 1427-1428). “Santo Ambrósio diz, a respeito das duas conversões que, na Igreja, ‘existem a água e as lágrimas: a água do Batismo e as lágrimas da Penitência’” (Catecismo..., 2000, n. 1429).

Na continuidade da explanação, o Catecismo recorda a ideia da penitência interior. Como já acontecia com os profetas, o apelo de Jesus à conversão e à penitência não visa, primariamente, às obras exteriores, “o saco e a cinza”, aos jejuns e às mortificações, mas à conversão do coração, à penitência interior. A penitência interior é uma reorientação radical de toda a vida, um regresso, uma conversão a Deus de todo o nosso coração, uma ruptura com o pecado, uma aversão ao mal, com repugnância pelas más ações que cometemos (Catecismo..., 2000, n. 1430-1433).

Contudo, é necessário resgatarmos a consciência do pecado compreendendo-o mais profundamente do que estamos acostumados. Todo “pecado acontece em Deus e, no entanto, ele é a única coisa que não depende da vontade de Deus, mas de nós” (Pedrosa-Pádua, 2012, p. 238). O pecado nos coloca numa situação de oposição a Deus e nos torna escravos de nossos impulsos. Na verdade, “Deus é a grande vítima da tirania do pecado, silencioso e humilde, sem outra força senão o amor. E, no entanto, só ele sabe o que nos convém” (Pedrosa-Pádua, 2012, p. 238).

É preciso que esse processo de conversão seja contínuo e um dos critérios para confirmá-lo é o de sair de si mesmo rumo ao outro como uma capacidade sempre renovada. Essa autotranscendência rompe com nossa consciência isolada e autorreferencial e nos leva ao cuidado concreto dos outros e do meio ambiente (Francisco, 2015, n. 208). A verdadeira relação com Deus é uma nova vida no “ser para os outros”, nas palavras de Bonhoeffer, que é uma participação no ser de Jesus (Castillo, 2012, p. 97).

Ao longo da história, surgiram múltiplas formas da penitência na vida cristã. A Escritura e os Padres insistem, sobretudo, em três formas: *o jejum, a oração e a esmola*. Gestos de reconciliação, pelo cuidado dos pobres, pelo exercício e pela defesa da justiça e do direito, pela confissão das próprias faltas aos irmãos, pela correção fraterna, revisão de vida, exame de consciência, direção espiritual, aceitação dos sofrimentos, coragem de suportar a perseguição por amor da justiça. Tomar a sua cruz todos os dias e seguir Jesus é o caminho mais seguro da penitência (Catecismo..., 2000, n. 1434-1435).

A conversão e a penitência quotidianas têm a sua fonte e alimento na Eucaristia. A leitura da Sagrada Escritura, a oração da Liturgia das Horas e do Pai Nosso, todo o ato sincero de culto ou de piedade reavivam em nós o espírito de conversão e de penitência e contribuem para o perdão dos nossos pecados. *Os tempos e os dias de penitência* no decorrer do Ano Litúrgico (tempo da Quaresma, cada sexta-feira em memória da morte do Senhor) são momentos fortes da prática penitencial da Igreja (Catecismo..., 2000, n. 1436-1439).

O sacramento da Penitência e da Reconciliação tem algumas realidades essenciais mencionadas pelo Catecismo (2000, n. 1440-1449): Só Deus perdoa o pecado; Reconciliação com a Igreja; O sacramento do Perdão. A fundamentação usada pelo texto é o encontro de Jesus com os apóstolos: “*Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.*” (Jo 20, 22s)

Algo sempre desafiador, por conta da compreensão e da prática, são os chamados atos do penitente: A Contrição; A Confissão dos Pecados, a Satisfação. Para exemplificar esse processo, o Ritual da Penitência declara: “A penitência leva o pecador a tudo suportar de bom grado: no coração, a contrição; na boca, a confissão; nas obras, toda a humildade e frutuosa satisfação” (Catecismo..., 2000, n. 1450-1460).

É mister reconhecermos que até as consequências do pecado são providenciais, pois tudo está em Deus (Pedrosa-Pádua, 2012, p. 238) ou, nas palavras de Paulo: “tudo concorre para o bem dos que amam a Deus” (Rm 8, 28).

Em toda celebração sacramental, uma parte cabe ao chamado ministro deste sacramento. Cabe ao sacerdote exercer o papel de pai, médico e juiz. Por isso, a Igreja recorda que

Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote exerce o ministério do bom Pastor que procura a ovelha perdida: do bom Samaritano que cura as feridas; do Pai que espera pelo filho pródigo e o acolhe no seu regresso; do justo juiz que não faz acepção de pessoas e cujo juízo é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso. Em resumo, o sacerdote é sinal e instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador (Catecismo..., 2000, n. 1465).

Como efeitos do sacramento, temos: *Reconciliação com Deus – Ressurreição Espiritual; Reconcilia-nos com a Igreja; Antecipa o julgamento.* Citando, S. João Paulo II, na sua encíclica, *Reconciliatio et Penitentiae*, sobre o sacramento da Penitência, o Catecismo recorda:

É de lembrar que a reconciliação com Deus tem como consequência, por assim dizer, outras reconciliações, que trarão remédio a outras rupturas produzidas pelo pecado: o penitente perdoado reconcilia-se consigo mesmo no mais profundo do seu ser, onde recupera a própria verdade interior: reconcilia-se com os irmãos, que de algum modo ofendeu e magoou: reconcilia-se com a Igreja; reconcilia-se com toda a criação (Catecismo..., 2000, n. 1469).

Não podemos alimentar uma visão equivocada de Deus que não nos permite chegar ao Deus de Jesus Cristo. Precisamos compreender que “Deus é paciência e possibilidades, não é rival” (Pedrosa-Pádua, 2012, p. 243). A verdadeira experiência de Deus, feita na recepção do sacramento, deve gerar vida, pois um critério para reconhecermos a verdadeira experiência de Deus é quando esta se torna uma “experiência propulsora de vida libertada e de esperança” (Pedrosa-Pádua, 2014, p. 65).

## 2 A Misericórdia como condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã

O Cardeal Walter Kasper, no seu famoso livro “A misericórdia” (Kasper, 2015), aborda o tema do Sacramento da Confissão, no sétimo capítulo, intitulado “A Igreja sujeita à medida da misericórdia”. Ele intitula o tópico como “A penitência – sacramento da misericórdia”.

A primeira ideia que o autor deseja salientar é que “todos os sacramentos são sacramentos da misericórdia de Deus” (Kasper, 2015, p. 200). Em seguida, evoca que a própria participação “na Eucaristia tem também a virtude de perdoar os nossos pecados quotidianos” (Kasper, 2015, p. 201). Contudo, relembra que a Igreja sempre reconheceu um sacramento específico para perdoar os pecados, que o Cardeal descreve como “o presente pascal do Senhor ressuscitado aos seus discípulos” (Kasper, 2015, p. 201). Essa certeza da presença do Espírito do Senhor Ressuscitado enche de esperança toda teologia e toda espiritualidade (Pedrosa-Pádua, 2014, p. 76).

Nesse sentido, é urgente a correção de uma compreensão da Eucaristia como prêmio dos bons ou, como diz Francisco, prêmio para os perfeitos, para compreendê-la como “remédio generoso e um alimento para os fracos.” Por isso, o Papa cita as palavras de Santo Ambrósio, no seu Tratado sobre os Sacramentos, quando alegava: “Devo recebê-lo sempre, para que sempre perdoe os meus pecados. Se peço continuamente, devo ter sempre um *remédio*” (Francisco, 2013, n. 47).

Ao recordar os Padres da Igreja, Kasper reforça a ideia do sacramento da penitência como “segunda tábua da salvação depois do naufrágio” (Kasper, 2015, p. 201), sendo o Batismo a primeira. Por isso,

o sacramento da Penitência é o verdadeiro sacramento da misericórdia de Deus, que reiteradamente nos perdoa e reiteradamente nos concede outra oportunidade, a possibilidade de um novo começo (Kasper, 2015, p. 201).

Ao mencionar um famoso artigo de Rahner sobre a prática penitencial e o sentido da confissão frequente por devoção, nos Escritos de Teologia, v. 3, Kasper reitera que “Qualquer confissão é também um voltar-se visivelmente para o corpo visível de Cristo, que é a Igreja” (Kasper, 2015, p. 202).

Diante da realidade na qual nos encontramos, o Cardeal constata uma grave crise do sacramento, caracterizada por: perda da prática; participação da Eucaristia dominical e não participação da Penitência. Segundo ele, “esta

situação é uma das feridas mais profundas da Igreja atual e tem de ser motivo para uma interpelação séria da nossa consciência pessoal e pastoral” (Kasper, 2015, p. 202). Sendo assim, “para o futuro da Igreja será essencial elaborar uma nova ordem penitencial e levar a cabo uma renovação do sacramento da Penitência” (Kasper, 2015, p. 202).

*As razões da atual crise* são múltiplas: muitos não vivem o sacramento como um presente pascal, nem como libertação; ele é, frequentemente, entendido como obrigação, meio de controle; experiência traumática de pessoas mais velhas; ilusão de inocência verdadeiramente patológica em muitos dos nossos contemporâneos (Kasper, 2015, p. 203).

Nesse caminho, Kasper propõe rever o Sacramento da Penitência como verdadeiro refúgio dos pecadores, pois em “nenhum outro momento experimentamos a compaixão de Deus de forma tão imediata, tão direta, tão concreta...” (Kasper, 2015, p. 203). Assim, aquele que confessa conhecerá a libertação interior, a paz espiritual e a alegria que este sacramento confere.

Contudo, isso só será possível se fizermos um caminho de redescoberta deste sacramento, o que vale, sobretudo, para

os sacerdotes, pois o encargo de perdoar pecados é aquele que o Senhor ressuscitado confere aos apóstolos. Daí que para todo sacerdote seja uma obrigação e uma obra de misericórdia estar disposto a administrar o sacramento do perdão (Kasper, 2015, p. 204).

Por último, Kasper esclarece que as várias formas de penitência possuem seu valor e sua importância, sendo que “sua razão de ser é preparar, acompanhar e prolongar o sacramento da Penitência, embora não pretendam nem possam substituí-lo” (Kasper, 2015, p. 204). Da mesma forma, “o diálogo espiritual e o aconselhamento psicológico também têm o seu valor, mas não podem ocupar o lugar do sacramento da Penitência... Nenhum psicólogo, nem nenhum conselheiro pode dizer ‘os teus pecados estão perdoados; vai em paz’” (Kasper, 2015, p. 204).

Portanto, o sacramento da reconciliação

é uma obra de misericórdia tanto para o indivíduo como para a comunidade eclesial. Poderia ser uma ajuda para superar agressividades e partidarismos na Igreja, para dar uma nova oportunidade à humildade, para encontrar uma forma mais misericordiosa de nos tratarmos uns aos outros na Igreja, para a transformarmos numa Igreja mais misericordiosa (Kasper, 2015, p. 204).

### 3 O nome de Deus é Misericórdia

Ao iniciarmos o Ano Santo da Misericórdia, o Papa Francisco nos ofereceu sua preciosa Bula “Misericordiae Vultus” (Francisco, 2015), propondo-nos como lema desse tempo e da nossa vida as palavras de Jesus: “Sede misericordiosos como o Pai”.

Reconhece o Pontífice que

há muitas pessoas – e, em grande número, jovens – que estão a aproximar-se do sacramento da Reconciliação e que frequentemente, nesta experiência, reencontram o caminho para voltar ao Senhor, viver um momento de intensa oração e redescobrir o sentido da sua vida. Com convicção, *ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação*, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior (Francisco, 2015, n. 17, grifos nossos).

Comentando o ministério dos sacerdotes, Francisco afirma que não se cansará

jamais de insistir com os confessores para que sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai. *Ser confessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por nos fazer penitentes em busca do perdão*. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva. Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus. *Cada confessor deverá acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de lhe ter dissipado os bens*. Os confessores são chamados a estreitar a si aquele filho arrependido que volta a casa e a exprimir a alegria por o ter reencontrado. Não nos cansemos de ir também ao encontro do outro filho, que ficou fora incapaz de se alegrar... *Não hão-de fazer perguntas impertinentes, mas como o pai da parábola interromperão o discurso preparado pelo filho pródigo...* Em suma, os confessores são chamados a ser sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia (Francisco, 2015, n. 17).

Já no seu livro-entrevista “O nome de Deus é misericórdia” (Francisco, 2016), o Papa apresenta o que ele chama de “apostolado do ouvido”. Dirigindo-se aos confessores, afirma:



falem, escutem com paciência e, antes de tudo, digam às pessoas que Deus quer o seu bem. E se o confessor não pode absolver, que explique por que, mas não deixe de dar uma bênção, mesmo sem absolvição sacramental. O amor de Deus existe também para aquele que não está em condições de receber o sacramento... (Francisco, 2016, p. 47)

Francisco reforça a ideia da confissão como uma graça, pois “confessar-se com um sacerdote é uma forma de colocar minha vida nas mãos e no coração de outra pessoa, que naquele momento age no lugar e no nome de Jesus” (Francisco, 2016, p. 52).

Ao falar do pecado, o Papa destaca que “o pecado é mais que uma mancha. O pecado é uma ferida, que deve ser curada, medicada” (Francisco, 2016, p. 57). Por esse motivo, o confessor não pode ser visto como uma lavanderia onde tiramos manchas, mas como uma medicina que trata nossas feridas.

Francisco constata o desafio que encontramos na sociedade em que percebemos um “verdadeiro enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo” (Francisco, 2013, n. 64). Esse fato gera uma desorientação generalizada. Nesse sentido, faz-se urgente rever a pregação da moral cristã que, para ser fiel ao Evangelho, não pode ser uma ética estoica, pois ela é mais do que

ascese, não é mera filosofia prática, nem catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos (Francisco, 2013, n. 39).

Constantemente, o Pontífice tem insistido no risco de cairmos numa religião dos fariseus, na qual não se muda de vida, o interior permanece o mesmo. São pessoas que falam de perfeição e de espiritualidade, mas, ao mesmo tempo, são pessoas autossuficientes, intolerantes que, na verdade, estão longe da perfeição e da espiritualidade (Castillo, 2007, p. 38).

A própria experiência do pecado deve levar-nos a um aprendizado: aprender a receber e dar o perdão. A Igreja não pode se esquecer de que ela é servidora desse perdão que ela recebe e, ao mesmo tempo, administra com fidelidade ao seu Senhor (Francisco, 2013, n. 97).

Da mesma forma, Francisco lembra que o confessor não pode ser visto como uma sala de torturas! Afirma ele: “sempre que atendi confissões olhei primeiro para mim mesmo, para os meus pecados, para minha necessidade de misericórdia e, assim, procurei perdoar muito” (Francisco, 2016, p. 59).

Aquele que se confessa tem de se envergonhar do pecado: a vergonha é uma graça que devemos pedir, é um fator positivo, porque nos torna humildes. Mas, no diálogo com o confessor, é preciso sermos ouvidos e não interrogados. Depois, o confessor nos diz o que tem de dizer, aconselhando-nos com delicadeza. (Francisco, 2016, p. 58)

## Conclusão

Após esse percurso conjunto, podemos dizer que muitas questões são colocadas para a Igreja para que ela possa rever seu caminhar pastoral. Contudo, tais questões devem gerar uma verdadeira revisão da espiritualidade atual para que cheguemos a uma vida nova, segundo o Espírito. Com isso, podemos destacar algumas conclusões para o hoje da Igreja.

Na verdade, o caminho que fizemos nos ajuda a compreender que a verdadeira espiritualidade cristã autêntica e coerente tem que ser uma espiritualidade centrada na vida (Castillo, 2007, p. 39).

Nas palavras de Castillo, precisamos perceber que o grande problema da religião é o problema do mal que desemboca na concepção de Deus que temos. Se cremos num Deus bondoso e infinitamente poderoso como podemos encontrar tanto mal no mundo? (Castillo, 2007, p. 30) Assim, a primeira conclusão a que chegamos é a necessidade de aprofundarmos a *noção de Deus como Pai misericordioso*.

Uma segunda conclusão é a *compreensão de pecado* que temos (Castillo, 2007, p. 32). Ainda temos uma concepção reducionista e não vemos o pecado dentro de uma perspectiva holística que nos permite compreender sua profundidade e seu alcance.

Por outro lado, percebemos a urgência de compreendermos que o *Jesus Cristo* concreto que seguimos é a verdadeira *norma viva* para cada um de nós. Por isso, o critério que temos não é abstrato, mas real, encarnado que podemos encontrar na caminhada da vida (Küng, 2014, p. 199).

A *Igreja*, nos seus membros, precisa acolher o grande dom do Ressuscitado que é o perdão e reconhecer que não é dona, mas dispensadora desse perdão a todos que dele necessitem e queiram recebê-lo.

Em suma, nas palavras de Küng, podemos dizer que a revisão do sacramento da confissão deve nos levar a uma nova orientação e a uma nova atitude fundamental na vida; a novas motivações que nos enraízem no Evangelho; a novas disposições que nos levem aos outros, em particular, aos mais necessitados; a novas ações que nos levem a superar tantos equívocos; e, por último, a um novo horizonte de sentido para toda a vida (Küng, 2014, p. 205).

Que as palavras lúcidas do autor, pautem nossa caminhada: “seguindo a Cristo Jesus, o homem pode no mundo atual viver, atuar, sofrer e morrer realmente como homem; na felicidade e na miséria, na vida e na morte sustentado por Deus e ajudado pelos demais” (Küng, 2014, p. 207).

Que a vivência do sacramento da confissão nos ajude a seguirmos a Cristo, ou seja, a irmos atrás d’Ele, a aderirmos a Ele e ao Seu caminho e a recorrermos ao próprio caminho seguindo Suas indicações, pois mais do que um dever é um poder dado a cada um de nós (Küng, 2014, p. 192).

### **Oração do Ano Santo da Misericórdia**

Senhor Jesus Cristo,

Vós que nos ensinastes a sermos misericordiosos como o Pai celeste,  
e nos dissestes que quem Vos vê, vê a Ele.

Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.

O Vosso olhar amoroso libertou Zaquê e Mateus da escravidão do dinheiro;  
a adúltera e Madalena de colocarem a felicidade apenas numa criatura;  
fez Pedro chorar depois da traição  
e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido.

Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si mesmo as palavras que  
dissestes à mulher samaritana:

Se tu conhecesses o dom de Deus!

Vós sois o rosto visível do Pai invisível,

do Deus que manifesta Sua onipotência, sobretudo com o perdão e a  
misericórdia.

Fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de Vós, Senhor, ressuscitado e na  
glória.

Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de  
fraqueza,

para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro:  
fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados,  
amados e perdoados por Deus. Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos  
com a Sua unção,

para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor  
e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre  
mensagem e

proclamar aos cativos e oprimidos a libertação;  
aos cegos restaurar a vista.

Nós Vo-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia,  
a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

Amém

## Referências

CASTILLO, J. M. *Espiritualidad para insatisfechos*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

CASTILLO, J. M. *La humanidad de Dios*. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes de um Curso Organizado pela Penitenciaria Apostólica em 28/03/2014*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papafrancesco\\_20140328\\_corso-penitenzieria-apostolica.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papafrancesco_20140328_corso-penitenzieria-apostolica.html). Acesso em: 24 mai. 2024.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.

KASPER, W. *A misericórdia*: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015.

KÜNG, H. *Jesus*. Madrid: Editorial Trotta, 2014

PEDROSA-PÁDUA, L. Evolucionismo e espiritualidade. Contribuições da mística para uma revisão da imagem de Deus. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. *Fé cristã e pensamento evolucionista*: Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 221-253.

PEDROSA-PÁDUA, L. Espiritualidade e Bíblia. Integração e humanização geradas por um livro vivo. *Atualidade Teológica* 46 (2014) 58-80. p. 65.

Artigo recebido em 30/06/2024 e aprovado para publicação em 22/07/2024

### Como citar:

FONTES, Douglas Alves. O sacramento da Confissão como sacramento da Misericórdia. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 207-218, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-4>